Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GENE TIERNEY foi a grande revelação da temporada. A sua descoberta deve-se a FRITZ LANG, no «Regresso de Frank James»

2.ª SÉRIE — N.º 39 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 4 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO: 1$50



COMO O CHICO GOSTA DA TATÃO

O Chico do «Pai Tirano», o Chico Mega da secção de sapataria do Grandela anda apaixonado pela gentil Tatão da Perfumaria da Moda. Aquilo a bem dizer não é só uma paixão — é um rosário de amores todos juntos num só.

Moram para os lados do Alto de St.ª Catarina, na Travessa da Laranjeira. Durante dias, semanas, meses, o Chico tinha de contentar-se só com o ver navios no jardim perto de casa. Ia triste para o trabalho, seguia a Tatão de longe e não havia sombra de esperança no seu coração. O Chico saía de casa de olhos baixos, subia as escadinhas arrastando os pés e arrastando aquele amor infeliz. Só aparecia no Alto de St.ª Catarina pela tarde, à espera de encontrar ambiente próprio para a sua melancolia nos poentes nostálgicos.

* * *

Até que um dia as coisas mudaram completamente. O leitor saberá depois porquê quando vir o «Pai Tirano». A Tatão não quis prolongar por mais tempo o martírio do pobre Chico. Um dia luziram nos seus olhos as primeiras esperanças quando a Tatão saiu de casa pela manhã a caminho do emprêgo.

O Chico correu, saltou, voou direito à rua. E achou então êste movimento gimnástico de sair uma porta, virar a esquina duma grade, e subir as escadinhas da rua em quatro tempos, que aqui apresentamos devidamente fotografadas pela objectiva atenta de João Martins.

* * *

O Chico parece que deita lume, todo o lume daquela paixão que o consumiu durante tanto tempo. A velocidade de subir as escadas da Travessa da Laranjeira está na razão directa do amor do Chico. Porque a Tatão é um amor de rapariga. E a Tatão está à espera, sorridente, no alto das escadas — meta dum «sprint» de cem metros com acompanhamento de marcha nupcial. Quatro fotos que são quatro provas reais de como o Chico ama, de como o Chico gosta da Tatão.

Ao sair de casa tão ligeiro, tão veloz — não é pressa de chegar ao Grandela que o arrasta. Não. Chico vôa com as asas de Cupido — que nem o deixam pôr os pés no chão. E a Tatão não o deixará pôr o pé em ramo verde. — S. L.









JANET GAYNOR

Os cinéfilos da «velha guarda» não esqueceram a deliciosa intérprete de «Sétimo Céu», «Hora Suprema» e outros filmes. E os «novos» também tiveram ocasião de a admirar em várias produções e entre elas «Nasceu uma estrêla», ao lado de Fredrich March


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Tôda a vida é acção, movimento. É o sorriso da mulher... as «traquinices» da criança... Um Ciné Kodak Oito tudo regista, sem perda do menor detalhe. Só êle fixará a vida tal qual ela decorre em cada instante.
Centenas de milhares de pessoas dedicam-se à filmagem como a uma das melhores diversões... Não perca mais tempo. Adquira o seu Ciné Kodak Oito e filme aqueles acontecimentos da vida que mais deseje conservar para todo o sempre... Será enorme o seu prazer!
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

2.ª série / N.º 39 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

4 de Agôsto de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O segundo espectáculo do «Clube do Animatógrafo» constituiu um grande êxito

Escrevemos ainda sob a emoção duma grande noite. A segunda festa do «Clube do Animatógrafo» constituiu um êxito absoluto, talvez superior à da primeira — êsse inesquecível sarau em que reviveram, por uma noite, relíquias do passado como o filme de Chaplin e «O Caminho do Paraízo».

A segunda festa do «Clube do Animatógrafo» constituiu, a bem dizer, uma lição cultural. Estava a casa cheia e se mais lugares houvesse, maior seria o número de espectadores. Podemos dizer aqui, modéstia àparte, que se tratou dum acontecimento notabilíssimo.

À primeira festa, acorreu um sócio das Caldas da Rainha. Na de ante-ontem, apareceram sócios dos arredores, que não quiseram esperar que lhes chegasse a vez. Devemos declarar que o facto é, não só lisongeiro, mas também significativo, conquanto a presença de sócios de pontos afastados tivesse, evidentemente, lesado sócios da capital, que já não encontraram lugar...

Mas, feitas as contas, ninguém se zangou. O «Clube do Animatógrafo» espera tranquilamente que acabe êste período de férias e de exames, para se pronunciar definitivamente e dizer a última palavra acêrca da província.

Fala o nosso director

António Lopes Ribeiro fez a apresentação do segundo espectáculo do «Clube do Animatógrafo», salientando que esta simpática e útil iniciativa tivera, como era de esperar, um total acolhimento por parte do público, por vezes tão renitente a aceitar novidades e inovações. Explicou o motivo porque a sessão de sábado era totalmente diferente da de 3 de Maio e porque se incluira no programa dois filmes da história do Cinema e outro, de Fritz Lang, o inesquecível «Matou». Disse ainda que, para prova de que o programa fôra organizado com cuidado e não acreamente, bastava dizer que muitos sócios do «Clube» tinham escrito a felicitar pela inclusão daquele filme e muitas outras inscrições se fizeram, de pessoas desejosas de o tornar a ver.

Por último, o nosso director frizou que, em troca do que o «Clube do Animatógrafo» dá aos seus associados, não era justo que estes não fôssem assinantes de «Animatógrafo» e que o facto de o comprarem avulso, semanalmente, não constitui escusa e muito menos auxílio para um semanário que vive através de todos os sacrifícios, apenas para satisfação do público cinéfilo a quem se destina.

Uma sessão cultural

Após a exibição dum curioso filme de «Modas», que agradou em cheio, exibiram-se duas curiosas películas que interessaram vivamente a assistência.

Uma — «Os primeiros passos do Cinema» — constituiu deliciosa visão retrospectiva. Estamos na génese do Cinema. Vemos imagens históricas, veneráveis. Recordamos um passado, assistimos a uma evolução.

Vem depois, como complemento dêsse filme, outro filme documentário de igual valor e interêsse: «A marcha do Cinema».

Estamos, de facto, numa sessão cultural. Recordamos, revivemos e, até, muitos sócios do Clube vêem pela primeira vez o que nunca lhes fôra desvendado.

Onde se torna a ver um filme célebre

A segunda parte do programa foi preenchida com o célebre filme «Matou!», uma das mais curiosas produções de Fritz Lang.

Esta película mostra-nos o Lang europeu na sua derradeira fase da Europa. Hoje, que nos habituámos ao Lang americano, mais simples, mais humano, mais lógico, a visão de «Matou!» tem dobrado interêsse.

A história do vampiro — deformação do caso do sádico de Dusseldorf — mantém a mesma pujança e a mesma vibração de quando a vimos pela primeira vez.

Peter Lorre — a grande revelação de Lang — continua a estar muito longe do Peter Lorre da série policial americana.

Conforme as bobinas se sucediam, o entusiasmo do público redobrou.

«Matou!» voltou a satisfazer plenamente.

O «Clube do Animatógrafo» acertou em cheio ao escolhê-lo para o seu segundo espectáculo.

O que disseram alguns sócios

Um sócio do «Clube do Animatógrafo» manifestou-nos a sua gratidão pelo espectáculo proporcionado.

— Oxalá haja possibilidade de continuar a efectuar estes espectáculos — disse-nos — os quais decerto representam um razoável sacrifício financeiro para o «Clube do Animatógrafo». Oxalá também os meus consócios saibam reconhecer êsse sacrifício!

Uma senhora escreve-nos:

«Não tinha visto «Matou!» nem os pequenos filmes que incluiram no programa. Felicito-os pois, por tão acertada escôlha...»

Muitas outras cartas — e até telegramas enviados de sócios dos arredores — temos recebido na redacção a agradecer-nos o espectáculo de sábado.

«Animatógrafo» lamenta apenas não poder dispor duma maior sala nem a cabina permitir a montagem de duas máquinas para a projecção ser contínua.

Agradecimento

Ao fechar estas linhas, «Animatógrafo» deseja agradecer às firmas Companhia Cinematográfica de Portugal, SPAC e RKO a cedência dos filmes que serviram a esta sessão, um dos quais — «Os Primeiros Passos do Cinema» — considerado preciosa relíquia, está fora da programação.

As três firmas acima mencionadas, os nossos mais sinceros agradecimentos.

A reportagem fotográfica do 2.º espectáculo do "Clube do Animatógrafo" será publicada no próximo número

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

COÍMBRA FOTOGÉNICA

por ACÁCIO LEITÃO

II

Entramos hoje em Coimbra pelo Vale do Inferno, por Santa Clara, pela Ponte da Portagem.

Ao passo que descemos, avulta a cidade, sobe e cresce na nossa frente, escalando o monte até à Tôrre da Universidade que, hirta no seu aprumo, é como se fôsse o primeiro que chegou lá acima, ocupando logo o mais alto lugar.

Em baixo, o rio, o vale do Mondego, num contraste bucólico, evocando a égloga, deslisa mansamente, entre os altos choupos.

Passamos agora a Quinta das Lágrimas, legenda de amor sem fim, «até ao fim do mundo», e visionamos o idílio e a tragédia de D. Pedro e D. Inês de Castro, os encontros arrebatados de paixão e desejo, e a dor convulsiva e angustiosa da morte da linda Inês. Depois, por êste caminho, passou o estranho cortejo, entre luzes e silêncios, levando-a para Alcobaça, onde se daria a cena fantástica da coroação e do beija-mão da côrte, antes de ser depositada no túmulo rendilhado, entre anjos, como pagens que a admiram enternecidos.

Atravessando a ponte, percorrendo as ruas movimentadas, e a certas horas elegantes, de Ferreira Borges e Visconde da Luz, entramos na Igreja de Santa Cruz, com a devoção de ali encontrarmos, à beira do túmulo de D. Afonso Henriques, as evocações mais altas do herói tutelar, fundador da Nação, bravo e iluminado.

Subindo para a Alta, vamos por Sub-Ripas, e passando ao Palácio, sob o arco medievo, recordamos a tristíssima história da pobre Maria Teles ali morta cruamente, em homenagem à intriga, feminina e perversa.

Esta Coimbra histórica, onde a cada passo vamos lembrando aclamações, reüniões de côrtes, cêrcos revoltas e feitos de heroísmo, rescende à sua nobre antiguidade, às suas grandes tradições.

Depois de Sub-Ripas, a pequena Tôrre de Anto, recorda o poeta que não pôde sofrer Coímbra, talvez porque muito a amou:

«Esta Coimbra triste, triste,
a cuja influência minha alma não
[resiste...»

E depois de Coimbra foi para Paris, e sempre insatisfeito, o pobre Anto que, como êle dizia «era poeta sobrenatural» vagueou pelo vasto mundo os seus «spleens», os seus tédios, a sua amargura e o seu mal, e morreu quási menino, que um pouco meninos são os poetas sempre até morrer!, deixando nos belos versos dessa Carta a Manuel as suas paradoxais e sentidas emoções Coimbrãs.

Mas Coimbra dos poetas também não acaba, nunca, nem os lugares que os recordam, nas ruas e na paisagem, nas velhas casas e nos caminhos dos arredores.

Este, António Nobre, entrevemo-lo sempre no Penedo da Saüdade, meditando, vivendo a sua angústia, ante a paisagem, o largo panorama que dali se avista, rico de arvoredos que rodeiam velhos palácios e sobem encostas povoado de casais, no vale e nas colinas, animado, por vezes, pela passagem do combóio da Lousã, que descendo a serra entra a correr no campo e depois na cidade, como um combóio de brinquedo, deixando no ar, a desfazer-se, o largo traço branco do seu fumo.

Além, na outra margem do rio, é a Lapa dos Esteios, de romântica memória, a Lapa dos Poetas, por onde passaram e romanticamente se inspiraram os vates do «Trovador».

De João de Deus, que levou dez anos a formar-se, tantos quanto durou o cêrco de Tróia, dizia êle, contam-se ainda os exames e as *partidas*, de cábula e boémio, sempre poeta, superior e delicadamente poeta lírico.

Ali, numa casa da esquina da Rua do Borralho, morou Trindade Coelho, o cronista inspirado e meticuloso da vida coimbrã do seu tempo, nas páginas graciosas do seu «In illo Tempore...» em que perpassam, numa ronda de imagens, os tipos, as figuras dos «estudantes, lentes e fútricas» duma época agitada e cheia de pitoresco.

Como era interessante, ainda no meu tempo, ouvir a velha Maria Marrafa, que conservava nas paredes da sua casa os retratos dos mais notáveis, com as mais cativantes dedicatórias, ouvi-la discorrer e relembrar os hábitos, os caprichos, as predilecções, os feitios e os temperamentos dos poetas de dez gerações académicas, de que ela foi a *servente* e a *sebenteira*, senão o fugaz e perdoável pecadilho...

Ali em Coimbra parece que a Poesia nasce nas almas e nos espíritos, como as flores nos campos, pela Primavera, como a hera e os musgos, nos muros e nas ruínas.

E logo faz ambiente e domina a vida, insinuando-se, sem querer, imponderàvelmente, nos espíritos e nas almas.



Por isso o cancioneiro de Coimbra não tem fim e até os poetas que ali não estudaram nem viveram, passando por lá, simplesmente, não ficam insensíveis à sua irradiante sedução.

Os livros de memórias, desde os do Mata-carochas e do «In illo Tempore...» vêm cheinhos dessa poesia da vida coimbrã, mesmo quando apenas contam a anedota académica, à porta da aula, à mesa da ceia, na intimidade da «república».

E como a poesia, na sua exigência de ritmos, participa da música, até ao falar um pouco cantado, da parte do povo, parece que fala em verso.

Fala em verso e canta, canta deliciosamente, principalmente as raparigas, desde pequenitas, muito afinadas sempre.

Que interessante que é percorrer, ao domingo, as ruas de Coimbra velha.

Por tôda a parte, aqui e acolá, se ouve e se vê cantar e dançar.

São principalmente as raparigas ainda pequenitas, já muito graciosas, muito femininas, vestidas de gente grande, e equilibrando-se nas chinelinhas, cantam e dançam como gente grande.

As outras, as maiores, estão observando das portas e dos postigos e às vezes não resistem, vêm também para a rua e entram na roda, cantando e dançando, e passam estudantes e rapazes do bairro que procuram par e rompem pelo bailarico, até que as pequenas vão para outro lado, e só ficam às portas e aos postigos as velhinhas, sorrindo, com indulgente e amorável ternura.

O folclore é riquíssimo e vai variando e crescendo de ano para ano.

Cada récita de quintanista, cada S. João, e os cantadores, e os guitarristas, estudantes e mesmo futricas, vão deixando as suas canções e as suas baladas, que Coimbra inteira logo aprende, se têm sabor, o ritmo, o estilo, a graça local.

Algumas resistem menos, passam de moda, mas outras, como o «Estaladinho» e o «Fado do Hilário», parecem eternas.

E não há gente como a de Coimbra, para cantar e dançar.

Decerto, para cantar há o Alentejo, e para dançar talvez o Minho, mas para cantar e dançar não há como Coimbra.

E os poetas ali estão sempre, para fazerem as quadras, que irão perdendo os autores, tornando-se populares; e quantas quadras haverá de autores que foram célebres e ficaram para sempre como sendo quadras do povo?!

Como os Santos de Junho, pelas alegres *fogueiras*, é um despique de cantigas novas, e sem concurso, nem juri, nem prémios, há sempre uma que vence, que expontâneamente é eleita, e que em três dias se ouve por tôda a Coimbra, do Calhabé a Santo António dos Olivais, de Montarroio ao Penedo da Saüdade e às Arcas de Água.

Até na Figueira da Foz, como se o Mondego lha levasse, de a ouvir no Choupal, em noites de luar idílico, encontramos a cantiga que a alegre fogueira lançou.

Teria sido o Rei D. Deniz, poeta singular, o primeiro dos primeiros, que levou para Coimbra o gôsto e a inspiração da Poesia e do Canto, com os seus Trovadores e o geito de Trovar?!

Foi êle decerto o primeiro poeta que ali cantou, em versos portugueses, e não é de admirar que à Universidade e aos estudos superiores êle quisesse aliar a tradição trovadoresca da superior Poesia.

Entretanto Coimbra desconhece ou quási nunca se lembra dêste bom Rei D. Deniz.

E êle deu-lhe a Universidade, ter-lhe-á dado a Poesia, e sobretudo levou-lhe e deu-lhe a Raínha Santa.

(Conclui na pág. 13)

PANORÂMICA

Os cinemas de Além-Mar

Luanda, uma capital do Império, queixa-se do atrazo com que vê os filmes que, da Metrópole, são enviados, para fazer a ronda dos cinemas de Angola. «Em regra, diz-nos um leitor, os programas chegam até nós dois e três anos depois da data da sua estreia em Lisboa. Não será possível evitar semelhante inconveniente?»

Procurámos informar-nos junto das fontes competentes. A razão que justifica o facto apontado, dentro de certos limites, é a seguinte: o envio dos filmes para as nossas colónias longínquas implica a imobilização dos mesmos, durante meses e meses — tempo que se perde na viagem e na tournée pelas diversas salas a que se destinam. De modo, que por critério comercial que se compreende, os programas só são enviados finda a sua exploração nos cinemas metropolitanos.

Daí, a demora. Mas, como dissemos, só dentro de certos limites, ela é compreensível. Os portugueses de Além-Mar não pedem impossíveis. Pedem apenas que se lembrem dêles. E estamos convencidos de que, se quiserem, as firmas distribuidoras poderão corresponder, de certo modo, ao seu apêlo.

Uma realidade e uma aspiração

Sangue Toureiro, o primeiro filme mexicano que veio a Portugal, foi «lançado» e exibido, no nosso País, com um interêsse e um carinho, que merecem ser postos em destaque. O público, por sua vez, soube fazer justiça à obra apresentada. Perdoou-lhe as tibiezas, e entusiasmou-se com as passagens onde encontrou o «clima» latino, que tão raras vezes se adivinha nas nossas telas.

Segundo nos consta, veremos ainda, na próxima temporada, outro filme da mesma origem: *Alla en el Rancho Grande*. Felicitemo-nos por isso.

E gostaríamos de saber que os nossos filmes — dum modo geral de nível técnico superior ao que agora vimos — encontrariam no México empresários e distribuidores tão empenhados em rodeá-los da desvelada atenção, que os seus camaradas portugueses usaram quando tiveram que apresentar *Sangue Toureiro*, revelação dum cinema até agora desconhecido.

Se o princípio do intercâmbio comercial é uma regra a aplicar com vantagens mútuas — a mensagem espiritual que os filmes levam consigo impõe-no como uma necessidade, sobretudo quando êsses países se estimam e os seus povos têm uma raiz comum, que a distância imensa que os separa não pode invalidar ou, sequer, enfraquecer.

Jacques Saint Léonard

Jacques Saint Lèonard, um dos melhores «chefs-monteurs» do cinema francês, chegou há dias a Lisboa, contratado pela Tobis Portuguesa, para fazer a montagem de *Ala Arriba*, o filme de Leitão de Barros, que aquela Companhia está a produzir.

Saint Lèonard é um dos mais autorizados técnicos da sua especialidade. Há treze anos ininterruptos que trabalha nos estúdios, como planificador e montador. Sob êste duplo aspecto, colaborou em *Jean de La Lune*, de Jean Choux, que obteve o «Grande Prémio do Cinema Francês».

E, no último daqueles cargos, interveio na factura de outras duas películas que, em anos diferentes, obtiveram idêntico galardão: *Noites Moscovitas* e *Legion d'Honneur*.

(Conclui na pág. 13)

O GRAVE PROBLEMA DOS CINEMAS DA PROVÍNCIA

O caso de Olhão pôs novamente em foco o problema dos cinemas da Província. Êle é, por assim dizer, a fase aguda da doença que ataca, dum modo geral, as salas que funcionam por êsse Portugal fora. E dizemos «dum modo geral», para ressalvar as excepções.

Todos os dias chegam à nossa Redacção cartas de leitores, de Norte a Sul do País, protestando contra isto e contra aquilo: revoltam-se porque os filmes aparecem atrazados e em mau estado; clamam contra a deficiência das instalações; indignam-se com a desafinação das aparelhagens, que apresentam a Martha Eggerth com voz de contralto ou o Nelson Eddy com esganiçamentos de «menino de côro» — bramam, enfim, contra tôdas «as coisas que não estão certas», no mundo cinematográfico que lhes diz respeito.

Se há males difíceis de remediar — outros há que são fáceis de corrigir.

É claro que o problema é complexo e tem muitos aspectos. Há dias, um empresário algarvio declarou-nos com certa acrimónia:

— Os senhores dos jornais falam, falam — mas sem razão! Quere saber o que se passou com o cinema que tenho lá na terreola?! O público queixava-se de que as instalações eram más. Achava as cadeiras incómodas, a sala desagradável e a luz deficiente. Arranjei uma plateia nova. Melhorei o balcão. Pintei a sala. Reformei a iluminação. Sabe o que aconteceu?! As pessoas que até então iam para os lugares mais caros, passaram a sentar-se nos outros, de preço inferior, que até aí desdenhavam... E se fôr lá agora, vê isto: o balcão, que era o lugar forte e o mais caro — está vasio!

À primeira vista, o nosso empresário parece, de facto, que fez um mau negócio. E, no entanto, não é assim. Admitamos que os lugares caros ficarão por agora abandonados. Dando ao seu público a possibilidade de assistir ao espectáculo, com mais comodidade e por preço inferior ao que pagava — o empresário aumentou, implicitamente, a capacidade que êsse público tinha para freqüentar a sua sala. E esta é a boa política. Política de insinuação e captação. Os resultados não serão imediatos. Mas estamos certos de que o nosso amigo algarvio, dentro de um ou dois anos, verificará que, para colher dinheiro também é preciso semear dinheiro, mesmo que seja sob a forma duma plateia estofada. No dia em que a plateia se encher, o balcão começará a estar povoado...

Quere isto dizer que tudo aquilo que se fizer para tornar uma sala mais cómoda, mais atraente, na medida das proporções — reverterá, sem dúvida, em favor do empresário que tomar semelhante iniciativa — e contribuirá ao mesmo tempo para avolumar o negócio cinematográfico. É uma operação a prazo.

O problema das aparelhagens afigura-se-nos ainda mais grave. O ano passado, o acaso duma viagem levou-nos a determinada vila, sede de concelho, e uma das mais importantes de Portugal. Exibia-se, no único cinema das redondezas, «A Varanda dos Rouxinóis». Pois muito bem: nem uma só palavra do diálogo se percebia! A aparelhagem estava de tal forma desafinada, que os sons se baralhavam num conjunto alucinante, a ponto de só de longe em longe se reconhecer que era portuguesa a língua que se falava na tela.

Queixam-se os empresários da Província de que o público não acorre, como desejavam, às salas de espectáculos. Mas em face, dêste e doutros casos semelhantes, será lícito pôr em dúvida o interêsse, a cultura e o bom gôsto das plateias provincianas?

Todos nós sabemos que as aparelhagens de reprodução de som exigem cuidados meticulosos, uma assistência constante, de técnicos autorizados. A tal ponto, que certas firmas vendedoras das equipas de projecção, ciosas do bom nome das marcas que representam, impõem, nos contratos, a obrigação do cliente assumir os encargos da manutenção em Lisboa dum engenheiro para cuidar das máquinas.

Evidentemente, que não vamos exigir que em cada canto de Portugal haja um técnico de som, de sentinela, à porta do cinema. Mas parece-nos que se descurou demasiadamente essa assistência, indispensável para o bom rendimento do espectáculo cinematográfico. Supomos que se impõe a criação duma brigada técnica, distribuída por dois ou três «centros» que possa assegurar um serviço regular de inspecção e assistência às salas cinematográficas de Portugal. Cremos que o problema poderá ser resolvido por iniciativa dos Grémios dos Distribuidores e Exibidores, com a colaboração do Sindicato dos Profissionais de Cinema, e com a boa-vontade das emprêsas interessadas.

Há, fora de dúvida, que fazer qualquer coisa. Porque, numa altura, como a presente, em que o Cinema Português toma decididamente a ofensiva, na luta pela sua vida — parece-nos criminoso consentir que os nossos filmes, por fôrça das aparelhagens em mau estado, e perante as plateias a que se destinam — se nivelem aos estrangeiros, na algaraviada duma língua incompreensível, com a desvantagem de não terem, como estes, legendas sobre-impressas...

Está em jogo, pelo menos em certas salas da Província, o prestígio da Arte e do Espectáculo — e, o que é mais grave, o da própria indústria cinematográfica nacional.

FERNANDO FRAGOSO

À Margem das Fitas

POR FARIA DA FONSECA

Todos os estúdios turcos suspenderam a produção por não disporem de filme virgem em quantidades suficientes. A escassês de fita é cada vez maior. Os mercados fornecedores eram o alemão, o belga, o canadiano e o dos Estados Unidos, que limitaram ao máximo a exportação.

Oxalá não se generalizem êstes reflexos da Guerra...

A Inglaterra continua a produzir fitas à tôda a fôrça. Nos estúdios Gaumont British filma-se activamente nos amplos «sets» subterrâneos, construidos com o fim de poupar à indústria cinematográfica os efeitos dos bombardeamentos.

Por êste andar e se a guerra dura muito o Homem está condenado a uma existência subterrânea...

Adopto sempre o critério do público, no que toca a escolha de divertimentos: só lá vou quando me cheira. Daí a razão porque não vejo (senão por engano) as fitas más, e também a justificação para o facto de não falar das fitas «piores» nem das que me desiludiram, embora tenha ido ver «No, no Nanette» e a «Baía de Hudson», na mira de gozar dois bons espectáculos, e elas não hajam correspondido à espectativa.

As fitas que mais interessaram foram estas 10, pela ordem de méritos espectaculares (consoante o meu ponto de vista):

1.º — «Ninotchka».
2.º — «Kitty Foyle, a Rapariga da Gola Branca».
3.º — «Pinocchio».
4.º — «Rebecca».
5.º — «Peço a Palavra».
6.º — «A Loja da Esquina».
7.º — «O Diabo e a Menina».
8.º — «A Passagem de Noroeste».
9.º — «A Cidade Turbulenta».
10.º — «O Feiticeiro do Oz».

No que respeita a criações, interessaram-me elas pela ordem seguinte:

1.º — Garbo, em «Ninotchka».
2.º — James Stewart, em «A Cidade turbulenta».
3.º — Ginger Rogers, em Kitty Foyle».
4.º — Greer Garson, em «Orgulho e Preconceito».
5.º — Melvyn Douglas, em «Ninotchka».
6.º — Bette Davis em «Jezebel».
7.º — Charles Laughton, em «O outro».
8.º — Spencer Tracy, em «A Passagem de Noroeste».
9.º — Laurence Olivier, em «O Monte dos Vendavais».
10.º — Mickey Rooney em «De Braço Dado».

Duma maneira geral, a meu ver, a temporada finda foi a mais brilhante dos últimos anos.

Assim nasceu o cinema italiano

Por A. DE CARVALHO NUNES

Num plano muito afastado, quási inacessível à memória, divisam-se os vultos de Francesca Bertini, Pina Menichelli ou de Lida Borelli, que acompanharam a infância dos cinéfilos de hoje em filmes que *fizeram uma época*.

Ainda nos lembramos da formosíssima Lida Borelli numa obra sôbre a revolução francesa de 89, intitulada «Madame Talleyrand».

E não há muito, a grande Bertini fez reviver entre nós as suas atitudes estáticas de amor romântico.

Depois houve um longo eclipse, e o cinema italiano só voltou agora às nossas telas em dois ou três filmes que ambicionam apenas pôr em destaque a figura dum cantor ou duma cantora célebres, como a Cebotari.

Sabemos, sim, que a Itália possui hoje os estúdios mais bem apetrechados da Europa e que, dada a manifesta tendência artística que, em todos os sectores, sempre se observou naquele país, não é difícil de prever que a actividade cinematográfica alcance cada vez maior amplitude, podendo desde já considerar-se uma realidade viva — de que o «Animatógrafo» não podia manter-se alheio.

Mas, confessamos, não é só o propósito de levar ao conhecimento do leitor o panorama do cinema italiano, que nos leva a apresentá-lo num ligeiro esbôço. Ambicionamos, sobretudo, colhêr os ensinamentos da experiência alheia, na parte em que a nossa própria experiência possa ser poupada...

Perante tamanha tarefa há que não perder o sentido das proporções: não vamos fazer um estudo, nem abrir curso sôbre a matéria. Mas por mais rápido que seja o nosso golpe de vista, o assunto exige continuação. Por hoje, limitar-nos-emos a contar como nasceu o Cinema Italiano.

* * *

A apresentação ao público do invento dos irmãos Lumière (1895), não passou despercebida ao mundo culto de então.

De certo que ninguém podia profetizar os horizontes larguíssimos que havia de ter o Cinema, mas os dois irmãos tornaram-se imediatamente populares e «consagrados», e mais, desde logo se compreendeu que nascera uma nova indústria. Charles Pathé e Leon Gaumont meteram mãos à obra, e já em 1903 se fundava a primeira sociedade cinematográfica, denominada «O Filme de Arte», título êste que deveria ter dado no gôto a muita gente dêsse tempo, a avaliar pelo número de pessoas que ainda hoje contradizem ser o cinema arte.

Que repercussão teve o acontecimento em Itália?

Já em 1900 havia em Roma uma sala de espectáculos, o «Olimpia», avó espiritual da simpática casa da rua dos Condes, e cinco anos depois só na capital existiam nove cinemas.

Êste favor do público levou Alberini e Santoni, considerados os dois grandes pioneiros do cinema italiano, a formar uma sociedade intitulada «Cines». Data êsse empreendimento de 1905, que é portanto o ano em que foi dado à luz radiosa da Itália o menino portento que é o Cinema, sob os auspícios dum clima propício, duma variedade inexgotável de paisagens, dum folclore riquíssimo, e sobretudo dum sentido artístico que só a *permanência* duma civilização permite tornar apurado ou requintado.

O filme francês, até então senhor absoluto, passou a ter na Europa um sério competidor.

A «Cines» começou a produzir filmes dramáticos e cómicos e a mostrar uma preferência para um género que havia de influenciar para sempre o cinema italiano: a realização de grandes filmes históricos.

A ela se deve a primeira interpretação da figura de Joana d'Arc, no filme «Vita di Giovanna d'Arco», realizado em 1909. No memo ano a sua obra «Machbeth» foi premiada na Exposição de Milão.

«Catilina», «Lucrezia Borgia» e «Messalina», que datam de 1910, alcançaram enorme êxito, radicando a inclinação para o filme de carácter histórico.

No ano seguinte a produção da «Cines» era constituída por 174 dramas, 81 filmes cómicos e 56 documentários, culturais e de actualidades; entre estes — pormenor não isento de certo sabor — a «Guerra Ítalo-Turca»...

Estes números dispensam qualquer comentário sôbre a altura a que o cinema italiano chegara.

Filmes como o «Quo Vadis?» e «Cleópatra» marcam o início dum período áureo que se prolongou até 1920.

Foram quinze anos de produção intensa em que o filme italiano ganhou uma expansão extraordinária por todo o mundo.

A farta retribuição dos capitais empregados fazia multiplicar o número das emprêsas: Ambrosio Film (1905), Film d'Arte Italiana (1909), Savoia Film (1910), Caesar Film (1912), Celio Film (1912), Gloria Film (1913), Terpi Film (1914), etc., etc.

Pode dizer-se que raro era o ano em que uma nova sociedade não viesse trazer a sua foice à mesma seara...

E não estamos longe de êrro se concluirmos que teria sido precisamente dessa concorrência extraordinária de esforços, em que os interêsses haviam necessàriamente de se contrariar, que advieram os primeiros sinais do crespúsculo que procedeu a guerra de 1914-18.

A terra ficara exangue sugada com avidez por tantas raízes.

A Grande Guerra fecha com efeito o primeiro capítulo da história do cinema italiano, aonde não faltaram páginas brilhantíssimas.

Ainda se tentou reagir contra a depressão que atingiu o mercado, mas a reacção, traduzida numa centralização demasiada após uma descentralização sem freio, foi demasiadamente longe.

A «União Cinematográfica Italiana» não correspondeu às esperanças com que fôra fundada.

Os Estados Unidos tinham aproveitado o colapso da guerra e começavam a exportar as suas melhores estrêlas. Charlot era um sol nascente. Mack Sennett descobrira o «sex-appeal»...

E o cinema italiano, resignado, aguardou melhores dias.

A ORIENTAÇÃO DO CINEMA GERMÂNICO

Por *Emil Jannings*

Quando recordo os longos anos da minha actividade cinematográfica, tenho a consciência dum fim a atingir que certamente não me parecia tão claro e evidente durante a minha actuação. É a convicção que nunca abandonei, de que devemos sair do filme de simples distracção de modo que c cinema seja utilizado como um grande campo de imagens espirituais.

A primeira vez que entrei num «studio» cinematográfico, êste formigava de figuras convencionais que eu conhecia de milhares de palcos. O meu primeiro pensamento foi: «não te podes associar a êste trabalho mecânico; o que aparecer na tela feito por ti deve ter carácter de qualquer coisa que mereça crédito. Se tens capacidades artísticas, elas devem aparecer no filme».

Pôsto que estas frases pareçam muito simples, eram na verdade revolucionárias. Por outras palavras, exigiam que das habituais exibições de filmes e de farças chegassemos à representação de homens. Sem dúvida posso dizer que havia então, quem duvidasse que se podia tomar assim a sério a indústria dos filmes. No entanto, foi esta a orientação seguida pelo cinema alemão.

Se considerarmos a nossa produção cinematográfica actual, em tôda a parte encontramos esforços para não caír no convencional e ao mesmo tempo apresentar homens e caracteres. E, em vez de simples distracção, as ideias que nos interessam em geral, invadiram os filmes.

No fulcro da produção cinematográfica encontra-se isto que eu sempre considerei como a minha maior e mais grata missão: «a representação da personalidade».

Se tivermos em conta as palavras do nosso maior poeta, a personalidade é o maior bem do homem. Por isso eu combato, honradamente para alcançar êsse bem.

Os personagens querem-se avaliados pela sua justa medida e não podem ser copiados por cada espectador. Considero êste facto como uma alta missão educativa.



Emil Jannings no papel dum velho professor de gimnástica no filme «Traumulus»

Quando tenho de interpretar uma figura histórica não penso na criação dos modelos clássicos mas sim em tornar verosímeis seres cuja conduta mostrem bem a plenitude das possibilidades da vida humana. Devido a esta ideia, o meu Eduardo VII, é uma forte personalidade. Quanto mais matizadas, variadas e contraditórias fôssem as expressões dum temperamento ou dum carácter, mais êste me agrada.

Nesta contemplação retrospectiva vejo que realizei uma significativa série de figuras. Comecei com reis e altas figuras e nos últimos tempos representei um chefe industrial, mais tarde um burguês, o Professor Kock e agora Ohm Kurger, um simples aldeão que segue o seu destino diante da câmara cinematográfica.

É esta também a orientação do filme alemão: Desviar-se das exteriorizações faustosas para as raízes das fôrças ocultas da alma. Desperta o sentido da importância do homem, o olhar dirige-se para as grandes finalidades históricas; numa palavra, das personalidades verdadeiramente grandes, ressalta um sentimento de plenitude da vida que constitui um enriquecimento para todo aquele que por êle é afectado.

Assim queria eu ter visto o meu objectivo. É um doloroso destino, pôsto que não tivesse faltado a esta rica e grande personalidade um certo humor sem o qual não há nenhuma grandeza.

Porém, mesmo na trágica queda dêste homem, como a história o descreve, encontra-se uma grandeza que deve ter uma acção impressionante e libertadora.

É esta a orientação do filme alemão, como é a minha e como foi a de todos os artistas que trabalharam na organização desta nova arte. O que começou por mera distracção, acabou como forma de arte, na qual importam não o valor recreativo mas os caracteres.

Posso dizer com orgulho que foi o cinema alemão que mostrou ao mundo esta possibilidade; e, se queremos ter na Alemanha arte de filmar, devemos seguir sempre esta orientação, decidida e obstinadamente.

Nem todos os filmes se devem submeter rigorosamente a estas exigências e ideias.

A distracção também tem os seus direitos, é mesmo até uma necessária função social que o filme tem de exercer.

É com prazer que vou como tôda a gente, assistir a um filme alegre. O filme recreativo deve submeter-se apenas à exigência geral de se afastar da convenção e de apresentar na tela verdadeiros caracteres, cujo humor humano nos interesse intimamente. É êste um fim que se deve procurar atingir; convimos que é muito difícil; e nem tão simples, nem tão fácil como quando nos contentamos com os clichés de êxito seguro.

Mas quem quere, na vida, facilidades, nada tem que procurar nos domínios da arte.

«PINOCCHIO» E OS PRÉMIOS DE «ANIMATÓGRAFO»

O SENHOR GRILO TAMBÉM É GENTE?



No n.º 9 da nossa revista publicámos as listas dos filmes e artistas candidatos à Taça e às Medalhas do «Animatógrafo» para 1940, com as explicações e comentários que julgámos convenientes. Esclarecemos nessa altura que durante a reünião do Júri de Admissão (composto pelo nosso Director e por seis redactores), a quem competia exactamente designar êsses candidatos, se levantara um problema que dera origem a largo e vivo debate — problema que resumimos na seguinte dupla pregunta:

— «Deverá candidatar-se «Pinocchio» no mesmo pé de igualdade dos outros filmes, e a figura do «Sr. Grilo» como qualquer outra grande interpretação dêste ou daquêle actor?»

A discussão travada, conforme então dissemos, só pôde acabar graças a uma votação que liquidou os antagonistas em choque — votação que, como quási sempre acontece, teve um resultado absurdo, que rodeou a questão sem a resolver. O que era preciso, nesse momento, era terminar a controvérsia; e êste resultado obteve-se.

Escrevemos nesse n.º 9, a propósito do caso, entre outras coisas, o seguinte: «Não cabe aqui fazer sequer o resumo da discussão, do choque de opiniões verificado. Êle teve, aliás, interêsse mais do que suficiente para merecer num dos próximos números a honra de uma página do «Animatógrafo». A cópia de assunto, somada à falta de espaço, obrigou-nos a adiar o cumprimento da promessa feita nas linhas que atrás transcrevemos. Chegou porém o momento de a cumprir. A quadra estival, que suspende quási completamente a actividade dos sectores «distribuição» e «exibição», é a mais propícia para darmos à estampa êsse debate académico. Êle aí vai, finalmente, segundo o fidelíssimo procès verbal que se colheu da reünião.

Estavam presentes todos os componentes do Júri de Admissão: António Lopes Ribeiro (que presidia), A. de Carvalho Nunes, Domingos Mascarenhas, Félix Ribeiro, Fernando Fragoso, Fernando Garcia e Mota da Costa.

Foram Fernando Fragoso e Mota da Costa que, em questão prévia, levantaram o problema, formulando a pregunta atrás mencionada. E o debate principiou, afinal, quando começaram por dar a sua opinião

FERNANDO FRAGOSO — Entendo que «Pinocchio» não se pode considerar no mesmo pé dos outros filmes — porque os desenhos animados estão para o cinema como o sonho para a vida: a mesma abstracção dos seus princípios estáveis, a mesma liberdade de concepção na criação dum mundo ilusório e fantasista... Não posso pôr em equação o sonho e a realidade, julgar o sonho como se fôsse realidade e a realidade como se fôsse sonho. Impossível conceber *na realidade* o Pato Donald, Mickey, Pinocchio ou o Sr. Grilo! Ao passo que por detrás da máscara do Leão Medroso do «Feiticeiro de Oz» sentimos a presença de Bert Lahr, e sob a figura do Lenhador de Lata advinha-se sempre a existência de Jack Haley.

O cinema «normal» decompõe a vida em fotografias, que se projectam na tela e a reconstituem. Os desenhos animados caminham no sentido inverso: partem do nada, duma fôlha de papel em branco onde se desenham traços que depois nos dão a ilusão de possuirem vida própria. Um reproduz aquilo que existe, mesmo sob a mais estranha e fantástica das aparências. Outro cria seres que nunca existiram nem poderão existir. Como estabelecer paralelos?

A. DE CARVALHO NUNES — A questão está mal posta, quanto a mim. Para o caso que aqui nos reüne, podem estabelecer-se todos os paralelos!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Pois com certeza! Para quem considerar o cinema tal como êle é verdadeiramente — a arte de utilizar a luz de forma a que o jôgo de um feixe luminoso, reflectido por um *écran*, seja capaz de produzir no espectador sensações de beleza e emoção —

DOMINGOS MASCARENHAS — Bravo pela definição!

A. L. R. (continuando) — ...não pode haver a menor dúvida de que «Pinocchio» ou qualquer filme de desenhos animados deve ser julgado em pé de igualdade com os outros filmes em que utilizaram intérpretes humanos. A diferença entre uns e outros consiste ùnicamente na natureza dos métodos empregados pelo encenador. E num referendum de filmes como êste só interessa o resultado no *écran*, isto é, o Cinema pròpriamente dito.

F. FRAGOSO — É certo que nos podemos pronunciar *em valor absoluto, como espectáculo*. Mas não será estranho compararmos sonho e realidade, verdade e fantasia, embora projectados sôbre o mesmo plano?

D. MASCARENHAS — Meu caro Fernando: É preciso a gente não se ofuscar com o brilho das palavras. Não se trata de comparar sonho e realidade, verdade e fantasia — trata-se de comparar filmes! Esta é a realidade. A sua tese parece-me demasiado literária, artificial.

A. L. R. — Para estabelecer uma barreira entre filmes «desenhados» e filmes «humanos» é preciso esquecer que o esfôrço de encenação numa fita de truques, como «O Homem Invisível», por exemplo, não é muito inferior ao de um filme de Walt Disney. Isso são afinal considerações de ordem puramente técnica, sem interêsse para o juizo crítico absoluto que se pretende apurar. É indiscutível que os desenhos animados são um dos limites daquilo a que poderia chamar uma classificação natural de filmes, cujo critério taxinómico fôsse o maior ou menor esfôrço de encenação, classificação em que as «actualidades» estariam no extrêmo opôsto — o do mínimo de encenação. Mas isso não é bastante para os considerarmos filmes àparte.

FÉLIX RIBEIRO — Estou de acôrdo. Todo o espectáculo de cinema, como qualquer outro aliás, tem um fim: dirigir-se à inteligência e à sensibilidade de quem o observa. O que interessa, o que emociona, o que sugestiona é exclusivamente o que corre no *écran*. Por conseqüência todo e qualquer filme deve ser julgado sob êsse ponto de vista, no mesmo pé de igualdade — quer se trate de «Ouvem-se tambores ao longe», do «Feiticeiro de Oz», ou do «Pinocchio». O processo utilizado é indiferente: material humano, desenhos animados, bonecos articulados ou simples silhuetas, como nos filmes de Starevitch ou de Lötte Reininger.

FERNANDO GARCIA — Sou da mesma opinião — porque se trata de classificar «totais», de comparar impressões de conjunto. Para estabelecer distinção de categoria entre «Pinocchio» e «O Monte dos Vendavais», por exemplo, teríamos também de distinguir as fitas a preto e branco das coloridas, as fitas cómicas dos dramas, etc.

MOTA DA COSTA — Não concordo! «Pinocchio» é uma obra especialíssima que sai completamente do âmbito normal da produção cinematográfica — inclusivé do próprio âmbito do desenho animado.

CARVALHO NUNES — Julgo que se pode esclarecer a dúvida, aplicando ao caso a lição do Marechal Foch: «De que se trata?» — Se a Taça será atribuída ao melhor filme exibido em 1940, todo e qualquer filme estreado nesse ano tem direito a entrar no cer-

TRÊS FILMES PORTUGUESES EM REALIZAÇÃO

«ALA, ARRIBA!» «LOBOS DA SERRA» «O PAI TIRANO»



Eram quatro horas da manhã quando João Mendes tirou esta fotografia de trabalho de «Lôbos da Serra». Jorge Brum do Canto, indiferente ao vento e ao frio, dá uma indicação a um artista

O Cinema Português caminha... e bem! Estão em realização e montagem três filmes de fundo: «Ala, Arriba!», «Lôbos da Serra» e «O Pai Tirano» encontrando-se em preparação «O Pátio das Cantigas» e em estudo um outro, a realizar possìvelmente, ainda êste ano.

«Animatógrafo» que reapareceu com o fim de ajudar a criar definitivamente uma indústria portuguesa de Cinema, tem acompanhado tôda a actividade referente aos filmes em execução dando conhecimento aos seus leitores de pormenores curiosos que sempre interessam. E hoje, mais uma vez, volta a dar notícias sôbre o que se tem passado e se passa no Estúdio da Tobis Portuguesa, que é como quem diz a Hollywood de Portugal.

A filmagem do naufrágio para «Ala, Arriba!»

No plateau da Tobis Portuguesa, onde se filmaram os interiores de «Canção de Lisboa» foi instalada a aparelhagem transparência para serem impressionadas as cenas do naufrágio para o filme de Leitão de Barros «Ala, Arriba!».

Durante algumas noites, das 21 às 4 horas da madrugada trabalhou-se febrilmente para se obter uma perfeita reconstituïção de um naufrágio.

Com a equipa da Tobis Portuguesa cooperaram os Bombeiros Municipais de Lisboa sob a direcção do chefe Rodrigues. Assim, montaram-se seis agulhetas, além de complicadas maquinarias para que as vagas alterosas do oceano resultassem plenamente ao inundar a embarcação onde se encontravam pescadores autênticos, da Póvoa, que sentiram, por momentos, alguns dos segundos angustiantes que em certas alturas acontece suceder-lhes. E era tanta a água que por todos os lados caía a jorros que alguns intérpretes estiveram, por mais de uma vez, em perigo de sufocarem, devida à grande pressão da água.

Leitão de Barros deve estar satisfeito e tem razão de sobra para isso. Ouvimos da bôca de pessoas que têm pesadas responsabilidades dentro do Cinema Português e que portanto nos merecem a maior confiança, palavras da mais profunda admiração e elogio pelo trabalho de Leitão de Barros.

A Octávio Bobone se deve também parte do óptimo (assim se pode classificar) trabalho do naufrágio para «Ala, Arriba!». A sua fotografia que nos dizem ser perfeita facilitou bastante os desejos de Leitão de Barros.

Desejamos não esquecer nesta breve informação sôbre o filme da Tobis Portuguesa de que é director de produção o dr. Rodrigues Pinto, alguns nomes. Em primeiro lugar e por direito de conquista: Arthur Duarte que tem sido, sem dúvida alguma, o braço direito de Leitão de Barros. É êle quem prepara todo o trabalho para a cena, quem vela para que tudo esteja pronto a tempo e horas, para que não haja empenos; enfim para que se não perca dinheiro. E tem resultado bem tôda esta sua actividade. Êste é o maior elogio que se pode fazer a Arthur Duarte. Sousa Santos, o consciencioso operador de som sempre à escuta para que seu trabalho seja perfeito, João Martins, o fotógrafo dos filmes nacionais procurando sempre melhorar as suas fotografias já de si tão

(Continua na pág. 12)



Só no Cinema é possível acontecer que caia neve em plena época canicular. Nesse conjunto, durante a filmagem nocturna de «Lôbos da Serra», vê-se neve junto ao cenário...

tame, se possuir valor para tanto. Ora «Pinocchio» é um filme; foi estreado em 1940; o seu valor é incontestável. Portanto...

F. FRAGOSO — Não aceito o silogismo! O facto de só se candidatarem filmes de grande metragem põe já restricções ao critério do valor absoluto como espectáculo. Ora os filmes não se medem aos palmos — e por isso, segundo êsse critério, posso preferir «Ferdinando, o toiro» ou «O Velho Moinho» a «Pinocchio» ou à «Branca de Neve».

Não me convencem! Os desenhos animados estão para o cinema, como a fotografia dum desenho para a fotografia *tout court*. O cinema é o produto puro — o desenho animado um maravilhoso *ersatz!*

D. MASCARENHAS — Isso é uma heresia!

CARVALHO NUNES — ...daquelas que justificam um auto-de-fé! Não, entre o cinema corrente e os desenhos animados há quanto muito uma diferença comparável à que existe entre uma loira e uma morena... E no entanto nunca se viu partir-se um prémio de beleza em dois: metade para morenas, metade para loiras...

(Gargalhada geral. O próprio Fernando Fragoso riu também — mas protestou contra a comparação).

CARVALHO NUNES (continuando) — Quanto ao Sr. Grilo, representa tão bem o seu papel que, em meu entender, merece ser candidato ao prémio da melhor interpretação masculina. Outro modo não há de apreciar um actor senão êste: — ver se êle representa bem ou mal a personagem que lhe coube no filme.

Agora repare-se bem: acusam o Sr. Grilo de não ser de carne e ôsso! Afigura-se-me isto grave injustiça, porque com todos os actores de cinema acontece o mesmo. É êste até o cavalo de batalha dos detractores do cinema: não poder a tela mostrar os actores em carne e ôsso. E como realmente isto é verdade, podia o Sr. Grilo ser de carne e ôsso que era o mesmo, ou melhor, tanto monta que êle seja ou não de carne e ôsso, visto que para cinéfilos e não-cinéfilos nunca terá carne ou ôsso — na tela.

Como espectador, estou convencidíssimo que o Homem de lata do «Feiticeiro de Oz» é todo feito de lata, e que o Espantalho nada mais tem que palha. A pessoa que me vier dizer o contrário, além de ser um desmancha-prazeres, falar-me-á dum senhor bailarino e dum outro que tem tantos anos de idade e mora em tal parte — mas eu por êsses sinais só por acaso poderei pensar que essa pessoa se quere referir ao Homem de lata e ao Espantalho que eu vi, não em Hollywood Boulevard, mas ali no «Eden».

Todos nós temos visto fotografias de realizadores a ensinarem galãs de cinema a abraçar e a beijar, entre outras manifestações de ternura. Quando o filme se exibe, que vemos nós? O galã. O homem, de carne e ôsso, a quem o realizador ministrou o ensino de algumas atitudes amorosas, es-

(Conclui na pág. 12)

NOTÍCIAS DA EUROPA

INGLATERRA

Em Londres, estão à espera de ser estreados vinte e dois filmes

A produção do cinema inglês, como aliás a das principais potências em guerra, não só se mantem, como em certos casos aumenta duma maneira absolutamente imprevista. Ninguém, há uns dois ou três anos, poderia supor que tanto na Itália, como na Inglaterra e na Alemanha, o cinema atingisse ali, no campo de produção, o nível de desenvolvimento que realmente hoje naqueles três países se observa.

Que isso é assim demonstra-o vivamente — pelo que respeita



Laurence Olivier

à Inglaterra, que é o caso de que presentemente nos ocupamos — o número de filmes que esperam a sua vez de ser passados nos écrans de Gran-Bretanha. De facto, neste momento, entre os filmes concluídos aguardando, portanto, a sua estreia, e aqueles que os estúdios de Londres têm em realização, é atingido o elevado número de 22 novos filmes de grande metragem!

Dentro dessas quási duas dúzias de filmes estão compreendidos os mais diversos géneros, desde os de puro ambiente de propaganda até às inocentes comédias, aos filmes de ficção, e aos que focam aspectos tìpicamente ingleses.

Pertencendo francamente ao número de filmes de propaganda, ficou há dias concluída uma das produções mais importantes ùltimamente saída dos estúdios ingleses quer pelo aspecto do valor da sua realização, quer ainda pelos categorizados nomes que entram na sua distribuïção, onde aparecem Laurence Olivier, Raymond Massey, que veio propositadamente de Hollywood para interpretar o filme, e Anton Walbrook, hoje já cidadão inglês.

Essa produção intitula-se 49th PARALEL e o seu argumento foca as aventuras de um grupo de marinheiros alemães, sobreviventes dum submarino alemão afundado à entrada do estreito de Hudson, no Canadá, e que se internam neste país. O notável intérprete de «Rebecca» e «Monte dos Vendavais», encarna em «Paralelo 49» a figura dum camponês canadiano, Raymond Massey a dum soldado do exército do Canadá, interpretando Walbrook a figura dum dos marinheiros alemães. Uma outra figura importante da interpretação é Eric Portman, no dramático papel dum oficial de marinha do submarino, o único que consegue chegar com vida até ao fim do filme e que ao tentar passar a fronteira dos Estados Unidos é preso por Raymond Massey. O elemento sentimental, indispensável a todo o argumento que se prese, é dado por Glynis Jonis, um estreante que demonstra, ao que parece, extraordinárias qualidades de actriz. Michael Powell, nome categorizado entre os actuais realizadores ingleses foi o encenador do filme, cujos exteriores foram filmados no Canadá, até onde parte da «troupe» se deslocou, sendo os interiores feitos em Denhan nos antigos estúdios da London Film, de Alexander Korda.

Feita referência a «49th Paralel», que os jornais ingleses dizem poder considerar como uma das principais, se não a principal produção do ano, vamos dar agora indicações de outros novos filmes presentemente em realização, ou há pouco concluídos.

● THIS MAN IS DANGEROUS, de ambiente policial, em que Scotland Yard desempenha papel importante. Interpretam-no Frederick Valk, James Mason, Margaret Vyner e Mary Clase. Laurence Huntigdon foi o realizador.

● THE GHOST TRAIN, uma engraçada comédia desenrolando-se num ambiente de terror, cuja acção se passa inteiramente numa estação de caminho de ferro. Walter Forde, veterana figura do cinema inglês, foi o realizador, e Arthur Askey, Richard Murdock, Kathleen Harrison e Herbert Lomas, são os protagonistas.

● SPRING MEETING, alta comédia de ambiente tìpicamente inglês, com Enid Stamp Taylor, Michael Wilding, Sarah Churchil, Nova Pilbeam, Margaret Rutherford e Henry Edwards.

● Anthony Asquith, o realizador de «Pigmaleão», é o director de FREEDOM RADIO, filme de propaganda em que a acção se passa em Viena e cuja lista de intérpretes compreende os nomes de Clive Brook, Diana Wynyard, a grande intérprete de «Cavalgada», Derek Farr, Joyce Howard, Gibb Mc Langhlin, Ronald Squire, etc.

ALEMANHA

Nos estúdios alemães não se pára de trabalhar

O Cinema parece rir-se da guerra. A produção cinematográfica, em vez de diminuir de intensidade, como poderia ser-se levado a supor tende pelo contrário a atingir como noutro local dizemos, números de todo imprevistos.

A Itália deve produzir êste ano 140 filmes; a Inglaterra tem actualmente cêrca de duas dúzias de filmes concluídos, outros prestes a terminarem-se. Por seu lado, a Alemanha demonstra idêntico desejo de manter elevado o seu nível de produção, hoje distribuída pràticamente por duas poderosas emprêsas — a UFA e a Tobis. Em Berlim e Viena, como em Londres e em Roma e Turim, a gente de Cinema desenvolve extraordinária actividade, realizando e interpretando novos filmes.

Os títulos que damos a seguir testemunham cabalmente o que se passa nos estúdios daquelas duas entidades produtoras.

● Willy Forst, depois de «Operette», realizou para a Tobis BEL AMI, de Guy de Maupassant, com Olga Tschechowa por «partenaire».

● WAS EINE FRAU IM FRÜHLING TRAUMT, que em português significa «O que sonha na Primavera com uma mulher» é o mais recente filme de Willy Fritsch para a UFA. Adelheid Seek, uma nova vedeta, Paul Hoffman e Fritz Odemar aparecem a seu lado. O filme decorre em Berlim, mostrando-nos esta cidade em muitos dos seus mais amorosos aspectos.

● Jenny Jugo, muito conhecida dos cinéfilos do tempo do mudo, continua no cinema, sendo agora a intérprete do filme da Tobis FRAULEIN DOKTOR um filme de espionagem sôbre a famosa espia da outra guerra.

● Nos estúdios de Viena está sendo realizado para a UFA, o filme WIR BITTEN ZUN TANZ («Convidamos para o Baile»), de que são protagonistas o conhecido Paul Horbiger, Hans Moser e Elfie Mayerhofer.

● Gustav Frohelich, outro nome muito conhecido em Portugal, é o protagonista do filme da Tobis 6 TAGE HEIMATURLAUB («Seis dias de licença»), uma comédia ligeira dirigida por Jurgen von Alten e interpretada ainda por Marie Andergast.

● Nos estúdios da UFA em Neubabelsberg deu-se início à realização do filme CAMERADEN, cuja acção decorre entre 1809 e 1812, em plena época napoleónica. Willy Birgel, um dos mais categorizados actores alemães de hoje, é o protagonista figurando os nomes de Karin Hardt e de Maria Nicklisch entre os principais da distribuïção.

FRANÇA

Os filmes de curta metragem estão na ordem do dia

Em França está sendo encarada com certo interêsse e entusiasmo a realização de documentários e outros filmes curtos, dada a necessidade que por certo vai haver de filmes com tais características, e cuja inclusão nos actuais programas cinematográficos foi tornada obrigatória em virtude das disposições tomadas pelo comité de organização da Indústria Cinematográfica Francesa, de que «Animatógrafo» se fez eco na sua última página da Europa.

Além disso dois outros factores a ter em conta devem ter contribuído para que em França onde raramente, antes da guerra, os produtores se preocupavam com os chamados complementos de curta metragem, se encare hoje sob outro prisma tal assunto. O primeiro dêles é, sem dúvida, a compreensível dificuldade de encontrar capitais para a realização de filmes de grande metragem; o outro factor determinante dessa orientação é a dificuldade, que ainda hoje se observa, em encontrar no mercado filme virgem negativo e positivo. Por isso, em face de um tal conjunto de circunstâncias, não é de estranhar que os documentários e os filmes de enrêdo em três ou quatro partes tenham presentemente o favor de vários realizadores franceses.

Ilustrando o que acabamos de escrever, vamos dar dois exemplos típicos. o realizador Robert Bibal está dirigindo o filme com cêrca de 1.200 metros «La Belle Vie», feito segundo um argumento do romancista Pierre Nord, em que intervêm como personagens principais, um mecânico, um camponês, um empregado duma agência de viagens e um aristocrata que resolveram assentar praça na armada para viverem aí *la belle vie*. Caude Dauphin, Andrex, Jean Durand, Gerard Landry, Janine Darcey e Marcel Delaitre são os protagonistas.

O outro é um documentário sôbre a Provença, uma das mais típicas regiões da França, sem dúvida das mais curiosas, terra de luz e de sol, que Mistral imortalizou com a sua «Mireille», província rica de aspectos e de folclore. O poeta Georges Sicard, natural da Provença é o autor do argumento e os realizadores são os operadores Louis Fehr e Bruschini, dois técnicos competentes e experimentados.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

FRED ASTAIRE vai aparecer com Bing Crosby em «Holiday Inn», da Paramount

Já oportunamente dissemos que Fred Astaire, cujos destinos cinematográficos parecem estar definitivamente afastados da sua parceira de vários anos e de tantos filmes, a Ginger Rogers, de «Chapéu Alto» e de «Alegre Divorciada», de «Ritmo Louco» e de «Vamos Dançar», do «Bailado da Saüdade» e de «Quero sonhar contigo», iria trabalhar para a Columbia, num filme de ambiente militar, que se chamaria «He is my Uncle». A notícia mantém-se, só sendo outro o título do filme que passou a chamar-se «You'll Never Get Rich». Nele a bela e sedutora Rita Hayworth é, pela primeira vez, a sua *leading-lady*, e daí, o prato de resistência do filme ser, certamente, uma colecção de bailados, pois que Miss Hayworth é, a par duma actriz insinuante e de talento — a sua notável criação em *Doña Sol* de «Blood and Sand», é a êsse



Fred Astaire

respeito perfeitamente elucidativa, ao que se diz — uma dançarina com uma grande experiência e não menos vocação.

Sabemos agora, e é essa a principal razão da nossa notícia de hoje, que Fred Astaire acaba de assinar com a Paramount, para quem fez já com Paulette Goddard o filme «Second Chorus», um contrato para aparecer num filme logo que o seu trabalho na Columbia esteja concluido. Êsse acôrdo é para aparecer ao lado de Bing Crosby em «Holiday Inn», filme de que tivemos já oportunidade de falar desenvolvidamente. Dos desasseis números de música que Irving Berlin escreverá para o filme — pois foi agora anunciado que seriam juntos mais oito *musical hits* aos primitivamente estabelecidos, alguns estarão certamente reservados para Astaire. É possível ter sido até a entrada de Fred Astaire no elenco do filme que determinou essa duplicação de música, com que aliás tôda a gente se sentirá satisfeita, dada a categoria excepcional do autor.

Já que estamos falando de Fred Astaire seja-nos permitido lembrar à quási totalidade dos locutores portugueses, sem excluir alguns da nossa emissora oficial — que confiados, seguiram a pronúncia duma simpática locutora que tem fama, certamente justificada, de conhecer perfeitamente o inglês — que o apelido do famoso bailarino não se pronuncia *Estâr*, como ufanamente debitam em frente do microfone mas sim *Astére*. Se tiverem dúvidas passem o disco da Columbia dedicado à memória de Gershwin e depois... pronto, passam a dizer como deve ser...

Três novos filmes focam a figura de "BILLY THE KID"

A figura de «Billy The Kid», nome de guerra de William Bonrey, bandoleiro ousado que no último quartel do século passado espalhou o terror e fez palpitar muitos corações femininos do oeste americano, foi há anos focado num filme admirável de King Vidor em que John Mac Brown figurava o celebrado «out law» americano.

Presentemente a figura e as façanhas do destemido Bill parece interessarem de forma extraordinária pois nada menos de três emprêsas se interessaram por essa personagem que entrou já na crónica americana. São essas casas a Metro Goldwyn Mayer, com o seu «Billy the Kid» personificado por Robert Taylor, já estreado; a United Artists, com «The Outlaw», produzido pelo multimilionário Howard Hughes, o homem de «Anjo do Inferno», e de «Scarface», e cuja interpretação foi confiada a duas pessoas que nunca tinham pisado o «set» dum estúdio, Jack Bentel e a aliciante Jane Russel.

E por fim a Producer Realising Corp. — a emprêsa que produziu o filme de Max Nosseck «Gambling Daugthers, — que fará um outro filme com o mesmo personagem, que será interpretado por Bob Steele, o «cow-boy» que fazia com tanto relêvo o papel do marido em «As Mãos e a Morte». Toma também parte no filme, Buster Crable, o homem que já foi Homem-Leão num filme da Paramount, o famoso Flash Gordon das fitas em séries da Universal «à la Wells».

GEORGE MURPHY contracena com ANN SOTHERN

Ann Sothern que durante longos anos conseguiu passar despercebida em tantíssimos filmes, encontrou finalmente, há cêrca de dois anos a personagem que durante largo período da sua carreira procurou, em vão, encontrar. Na verdade *Maisie*. em que a petulância e o saber de experiência e a inconseqüência, a «câlinerie» e a tentação estão notàvelmente doseadas assenta-lhe, é agora o momento de o dizer, como uma luva. E que assim é demonstra-o o interêsse que os seus filmes suscitam, o que levou a Metro Goldwyn Mayer a fazê-los aparecer com quási matemática regularidade.

«Maisie was a Lady» que nada tem, embora o título possa induzir em êrro, com o filme que dela vimos com o título «Maisie é uma Senhora», é o seu último filme, há pouco concluído. Pois agora anuncia-se já o seu novo filme que tem por nome «Ringside Maisie», em que o meio do «box» serve de quadro às aventuras da picante rapariga. O filme, que é dirigido por Edwin Marin tem a particularidade de ter por primeira figura masculina George Murphy, o notável bailarino que é também um comediante com que há que contar como bem o demonstrou em «Gente Alegre». Murphy, que a semana passada teve as honras da nossa separata, interpreta naquele filme a figura dum «boxeur», *Skeets Mac Guire*.

JEAN PARKER e RICHARD ARLEN peritos de aviação

A aviação continua na ordem do dia nos estúdios de Hollywood. Uma emprêsa que termina um, logo outra aparece anunciando a realização dum novo assunto de aviação. E embora pareça exagêro, há até artistas que, pode dizer-se, se especializaram na interpretação de tais filmes. É o caso de Richard Arlen, um actor que chegou a ter uma extraordinária notoriedade, e de Jean Parker, a adorável intérprete dessa inesquecível «Sequoia»..

Os dois, que interpretaram já para a Paramount os filmes «Power Dive» e «Forced Landy», vão ser agora, uma vez mais, os protagonistas de um novo filme em que a aviação tem primordial papel. Intitula-se essa produção «Flying Blind», indo dirigi-la o encenador Frank Mac Donald.

As aventuras de ELLERY QUEEN

Entre a copiosa literatura policial que de há alguns anos para cá tem inundado o Velho e o Novo Mundo, uma série há que tem o favor dos numerosos apreciadores do género. É a de Ellery Queen, figura curiosa de detective, cujos processos saindo dos moldes habituais, têm por isso um interêsse e um destaque muito especiais.

Da transposição cinematográfica do famoso «master detective» incumbiu-se a Columbia, que já produziu dois filmes em que a figura de Ellery Queen é incarnado por Ralph Bellamy, parece que com extrema felicidade e justeza, e que tem agora em trabalho de realização um novo filme da série a que foi dado o título de «Devil To Pay», com Margaret Lindsay na «primeira dama».

O êxito cinematográfico da figura é tal que o produtor Larry Darmour fechou contrato com os autores de *Ellery Queen*, Frederic Dannay e Manfred B. Lee, nomes que durante muito tempo foram conservados secretos pelo editor americano dos romances de que eram autores, não só para escreverem um novo argumento a produzir ainda esta época, como assegurando os direitos de quatro outras histórias para serem realizadas na próxima temporada.

DOROTHY SEBASTIAN volta ao Cinema

Gwen Lee, Glenda Farrel, Leila Hyans, Mary Carlisle, Madge Evans, Dorothy Sebastian, Polly Ann Young, Joan Marsh e quantas mais, eram nomes que, há alguns anos, os cinéfilos se habituaram a decorar em virtude da freqüência com que apareciam metidos na distribuïção de filmes e cuja presença, no caso de algumas delas, estava longe de passar sem ser notada. Entretanto a pouco e pouco foram deixando esquecer a sua imagem na tela, não mais se ouvindo falar em muitas dessas simpáticas raparigas. Agora chega-nos a notícia de que uma do grupo vai voltar de novo aos trabalhos de estúdio, passando a aparecer com freqüência no celuloide. É Dorothy Sebastian, que vimos em tantos filmes da Metro Goldwyn Mayer, e que vai ser a «leading-lady» de Don Barry, um dos numerosos «cow-boys» da Republic, no filme «Kansas Cyclone», de que é realizador George Shermann, um verdadeiro especialista de filmes do oeste, tal como Van Dyke noutros tempos, quando dirigia o Coronel Tin Mac Coy.

● *FOI dissolvida a Ernst Lubitsch Productions, Inc., de que o produtor Sol Lesser era o presidente e Lubitsch o secretário. O plano da sociedade, fundada em Maio de 1939, era fazer dois filmes. Só um foi feito, «The Uncertain Feeling», com Merle Oberon.*

O Senhor Grilo também é gente?

(Conclusão da pág. central)

tará a essa mesma hora a cem léguas de distância, e não faz falta nenhuma. Até se pode dar o caso de já ter morrido.

Até nisto o Sr. Grilo é igual a todos os outros actores: só vive, para o público, enquanto o filme passa na tela...

MOTA DA COSTA — Perdão! O sr. Grilo difere dos actores porque não passa de uma abstracção — genial, sem dúvida — mas abstracção. Ora não posso admitir a candidatura duma abstracção, dum desenho (e, como tal, inanimado), ao lado das criações, por exemplo, de um Leslie Howard.

F. GARCIA — Quanto ao Sr. Grilo estou de acôrdo com o Fragoso e o Mota. Agradava-me a audácia... mas a medalha vai ser entregue a um actor por qualquer razão... Na tela só vemos imagens, não há dúvida; por detrás do Sr. Grilo há também um actor, é certo. Mas os gestos, a representação, a «presença» (que é o mais importante, quanto a mim), foram desenhados, concebidos e realizados por várias mãos e cabeças chefiadas por Walt Disney. Qualquer personagem duma fita vulgar é criada pelo escritor, pelo realizador — mas principalmente pelo actor, e no seu trabalho principalmente pela «presença». Ora o Sr. Grilo não tem presença humana. Depois trata-se de premiar uma interpretação. O actor interpreta uma figura criada pelo escritor. No Sr. Grilo só há interpretação na voz; o resto é criação pura.

FÉLIX RIBEIRO — Também não posso votar pela candidatura do Sr. Grilo, que é aliás um perfeito achado. Mas falta-lhe a sensação de vida, que se encontra nas personagens vulgares, mesmo coadas através duma objectiva...

F. FRAGOSO (exultante, por ter agora mais dois adeptos) — E depois o Sr. Grilo não é um intérprete, como bem disse o Garcia! Não sente, não vibra, nada tem de si próprio! É quando muito o produto duma interpretação. Portanto, poderíamos quando muito premiar Walt Disney e os seus colaboradores pela concepção e brilhantíssima execução que lhe deram — o que permitiu ao Sr. Grilo destacar-se dos outros intérpretes...

D. MASCARENHAS (interrompendo) — «Destacar-se dos outros intérpretes»: está a fugir-lhe a bôca para a verdade!

F. FRAGOSO — Mas se lhe dessemos a medalha da melhor interpretação masculina — e quem nos diz que o Sr. Grilo não é fêmea e representa em *travesti*? — *(manifestações diversas na assembleia)* — incorreríamos num paradoxo, porque premiaríamos um ser abstracto, que não contribuiu conscientemente, de forma alguma, para valorizar o seu papel. O Sr. Grilo *cerebrum non habet!* A figura é um achado — pois sim! Mas não está em causa a concepção das figuras, e sim a forma como os artistas as desempenharam, compreenderam, sentiram, exteriorizaram. Instinto, estudo, vocação e inteligência — quatro condições para se chegar a êsse fim, e o Sr. Grilo não possui nenhuma. E seria justo candidatar o Sr. Grilo e esquecer o Pato Donald, o cão Pluto, o Poppeye ou a Betty Boop? Por exagêro, poderíamos chegar à conclusão de que o melhor intérprete masculino teria sido um cão, e a melhor actriz a vaca Clarabella, ou outro bicho similar...

D. MASCARENHAS — Perdão! Perdão! — Você está pior que o Lord Henry do Oscar Wilde, com os seus paradoxos brilhantes mas falsos! — Em primeiro lugar não se trata de interpretação de animais; se houvesse uma medalha para «a melhor interpretação animal», então estaria certo candidatar o cão Pluto e a vaca Clarabella, para êsse prémio, em pé de igualdade com o Asta do casal Mirna Loy-William Powell ou com a Chita do Tarzan. Em segundo lugar, o facto de se candidatar o Sr. Grilo não significa que se lhe vá dar a medalha. Eu sou pela sua candidatura, mas não lhe darei o meu voto. Em terceiro lugar, só me interessa o que vejo na tela, e não o que se passou no estúdio, como muito bem explicou o Carvalho Nunes. A Academia de Hollywood deu o «Oscar» da melhor interpretação masculina de 1934-35 a Victor Mac Laglen pela sua criação no «Denunciante» apesar de John Ford precisar de o emborrachar para conseguir tirar dêle o que queria. E no entanto foi o actor quem ganhou o prémio e não o realizador. Em quarto lugar, nunca candidataria o Poppeye, a Betty Boop ou até o Pato Donald — porque entendo que não o merecem. Finalmente, é bom lembrar-nos de que mesmo das mãos de Walt Disney e dos ses colaboradores saiem «canastrões», como o Príncipe da «Branca de Neve». O Sr. Grilo pode perfeitamente «ir mal» amanhã, noutro filme em que o façam aparecer. Dir-me-á você: Mas êle não mete prego nem estôpa para êsse falhanço, tal e qual como não meteu para a «sua» criação no «Pinocchio»! Pois não — mas isso que tem? De certo, Luise Rainer desejou ir no «Ânsia de vencer» tão bem como foi no «Ziegfeld». E no entanto... O talento era o mesmo, a vontade a mesma — o encenador é que foi outro!

A. L. R. — A minha maneira de ver parece-me tão clara, tão evidente, que não consigo compreender como se pode negar a candidatura do «Pinocchio» e do Sr. Grilo em pé de igualdade com os outros filmes e interpretações. E então que haja quem aceite a candidatura do «Pinocchio» e negue a do Sr. Grilo — faz-me uma confusão dos diabos!

Na tela o Sr. Grilo é exactamente feito da mesma massa que Greta Garbo ou Leslie Howard, porque é apenas — luz. O facto das suas imagens terem sido obtidas a partir de um desenho, não é motivo para que a sua interpretação em «Pinocchio» não pudesse ser apreciada, embora a medalha fôsse enviada a Walt Disney, que é afinal o verdadeiro intérprete do Sr. Grilo. Greta Garbo e Leslie Howard não fizeram nada de fundamentalmente diferente do que êle fez: apresentar à objectiva do aparelho-de-filmar uma série de expressões, de atitudes, de movimentos próprios da personagem que representavam. Esta discussão mostra pelo menos uma coisa: que os problemas levantados pelo Cinema estão longe de tomar, no espírito daqueles que dêle se ocupam, a forma clara e precisa que seria necessária para que o Cinema evoluísse no seu melhor e mais verdadeiro sentido.

Das discussões poderá nascer a luz, como quere o rifão. Mas raramente produzem qualquer resultado prático. Desta não saiu nenhum, porque todos os contendores ficaram nas mesmas posições em que estavam já no princípio. Por isso os sete redactores do «Animatógrafo» resolveram cortar o fio aos discursos com votações que decidissem sem apêlo. O resultado foi um compromisso — um «resultado de águas mornas» — pois a candidatura de «Pinocchio» foi aprovada por maioria (votaram contra apenas Fernando Fragoso e Mota da Costa), e a do Sr. Grilo foi rejeitada (votaram a favor sòmente António Lopes Ribeiro, A. de Carvalho Nunes e Domingos Mascarenhas). E assim terminou êste conflito: à moda da Sociedade das Nações, que já passou de moda. Quere isto dizer que o conflito renascerá na primeira ocasião azada...

• TRÊS FILMES PORTUGUESES

(Conclusão da pág. central)

boas como os nossos leitores têm visto, pois são dêle tôdas as fotos que temos publicado de «Ala, Arriba!», «Lobos da Serra» e «O Pai Tirano».

À hora a que estamos escrevendo, está a preparar-se a filmagem de algumas cenas que decorrem numa aldeia em plena romaria num cenário de Raúl Faria da Fonseca construído nos anexos da Tobis Portuguesa. Com a realização destas cenas que têm uma figuração de trezentas pessoas pode considerar-se «Ala, Arriba!» pronto de filmagens.

Filmou-se durante uma noite para «Lôbos da Serra»

De novo voltou a camera a rodar para «Lôbos da Serra».

Foi numa das últimas noites. De dia estivera um calor quási asfixiante, mas com o declinar começou soprando forte nortada. E os «Lôbos» que têm tido alguns dissabores com a inconstância do tempo estiveram vai que não vai para não sair ao povoado por não ser possível ter o microfone quieto, tal a ventania que soprava.

Mas a fôrça de vontade é por vezes mais forte que todos os obstáculos que se anteponham à realização seja do que fôr e vai daí a equipa de «Lôbos da Serra» instalou-se tranqüilamente na Posada de Pancho Bargas ali mesmo à entrada da Quinta das Conchas.

Eram cêrca das 23 horas, quando por obra e graça dos senhores técnicos do Cinema começou caindo forte nevão que tudo embranqueceu à sua volta deixando nas paredes leves farrapos brancos que punham uma nota curiosa num ambiente já de si tão característico.

Jorge Brum do Canto, de bata branca a confundir-se com a neve caída no chão, preparava com o cuidado e esmero que lhe são peculiares, as cenas a impressionar.

No dia seguinte, logo a seguir ao almôço, e aproveitando o descanço semanal de «O Pai Tirano» de cuja equipa fazem parte alguns dos elementos técnicos que trabalham em «Lôbos da Serra» e que se encontram agora contratados pela Produção António Lopes Ribeiro, prosseguiram as filmagens, desta vez à luz crua do sol. E ali, num pedaço de Espanha criado no Lumiar, filmaram-se vários planos em que intervieram alguns artistas e amadores. César de Sá, com a sua competência e valor foi o operador, que manejou a Débrie que impressionou as imagens escolhidas por Jorge Brum do Canto.

E por último «O Pai Tirano»

Tivemos, como intenção inicial, dar apenas umas breves notícias acêrca dos três filmes de fundo que presentemente estão em realização e montagem mas, como é natural alongámos um pouco a prosa, e eis-nos agora a contar o que se tem passado nos últimos dias nas filmagens de «O Pai Tirano».

Num dos últimos números demos uma reportagem da primeira saída de «O Pai Tirano». Hoje podemos dizer que êle gostou do passeio e não há maneira de o convencer a ficar um único domingo em casa. Quer ir dar o seu giro e está no seu pleníssimo direito. Acaso gostamos nós de arejar um pouco?...

«O Pai Tirano» tomou-lhe o gôsto e agora é vê-lo todos os domingos de passeio pela baixa.

Na sua última passeata foi até ao Grandella e esteve lá com a Graça Maria, o Ribeirinho, o Arthur Duarte, o Armando Machado, a Sofia Santos, lembram-se da tia do Vasco na «Canção de Lisboa»?... a Júlia da Assunção, o Artur Rodrigues, o Reginaldo Duarte, alguns comparsas e os seus médicos assistentes que nunca o largam, a fim de não lhe acontecer mal algum. Divertiu-se imenso durante o dia inteiro, fez rir... e suar os seus companheiros e às 22 horas regressou ao Estúdio satisfeito com a paródia.

Mas o pior é que êle não se conformava em ter de ficar mais uma semana dentro do plateau da Tobis e tratou logo de arranjar maneira de obter saída mais cedo. E tanto fez que conseguiu o seu intento.

Esteve por duas vezes no Alto de Santa Catarina, em adorável idílio com a Natureza enquanto o Chico e a Tatão, sentados num banco, junto ao Adamastor, se declaravam profundamente apaixonados.

JOÃO MENDES

A FEIRA DAS FITAS

«SANGUE TOUREIRO»

(Ora Ponciano)

Surgem raramente nos cinemas portugueses filmes de produção «exótica» — ou sejam filmes produzidos por países que não exportam habitualmente as suas fitas. Podemos assim chamar «exótica» a tôda a produção que não pertence aos Estados Unidos, à França, à Inglaterra, à Alemanha e à Itália. Devo dizer que reputo vantajoso o aparecimento dêsses filmes e que lamento portanto a raridade da sua importação — não só porque essas produções têm quási sempre carácter, originalidade e frescura que nem sempre se encontra na produção estandardizada, mas também porque representam apreciável elemento de comparação para a produção fílmica nacional, executada na maior parte das vezes em contigências semelhantes, de ordem industrial, comercial e até artística.

Fui assim ver «Sangue Toureiro» com certo alvorôço — tanto mais que se tratava de um filme mexicano, e o México não só é o país americano de civilização espanhola com mais personalidade como possue o mais importante e progressivo cinema nacional, entre tôdas as nações americanas (depois dos E. U., bem entendido).

Confesso que o meu interêsse ficou um tanto desiludido. *Ora Ponciano!* é um mau filme, decerto indigno representante do cinema mexicano (a dúvida tirar-se-á a tempo quando fôr exibido em Portugal o *Allá el rancho grande* que tanto êxito obteve em Espanha recentemente). Diga-se no entanto que *Ora Ponciano!* é um mau filme especialmente por causa do seu argumento e da planificação que dêle fizeram. Verifica-se assim mais uma vez que é lei geral, lei «universal», ser a maior dificuldade da fabricação de filmes a escôlha e principalmente a adaptação cinematográfica dos argumentos.

Não quere isto dizer que «Sangue Toureiro» não apresenta outras deficiências, mas apenas que aquela é a sua mais grave e fundamental deficiência. Se o argumento tivesse interêsse e fôsse contado com bom critério e sentido cinematográficos, pouca importância teriam a medíocre qualidade da fotografia, a desigualdade do registo de som, a pobreza plástica das decorações e até a falta de classe de quási tôda a interpretação. Nada disso importa, em face do resto — e por isso as condições espectaculares do filme são principalmente prejudicadas por êsse pecado original.

Não se julgue, no entanto que «Sangue Toureiro» não oferece qualquer interêsse como espectáculo. O trabalho na arena de Jesus Solorzano, o «matador» mexicano que interpreta o protagonista, merece ser visto até por quem não seja «aficionado» de touros: a faena é um portento, em especial os sete passes naturais seguidos que arrancaram palmas na noite da estreia. A festa castiça no rancho, que é talvez o melhor momento do filme, tem bastante carácter e interêsse folclórico, e é bastante valorizada pela intervenção dos dois cómicos do filme, Chato Ortin e Chaflan Borrachin, excelentes comediantes que o público vê com agrado sempre que aparecem na tela. Dos outros intérpretes há que apontar Consuelo Frank, bastante desigual no papel feminino de mais relêvo, e principalmente Mercedes Azcarate, uma garota com imensa personalidade e esplêndidas disposições para o cinema. A sua morte, ocorrida há semanas, constitui uma perda sensível para o cinema mexicano.

«Sangue Toureiro» foi produzido e realizado por Gabriel Soria. Da sua direcção há pouco que dizer. Caracteriza-o apenas o culto por fórmulas um tanto pretenciosas, já completamente ultrapassadas, até entre nós.

Completa o programa uma ilustração cinematográfica do «1812» de Tchaikovsky, de autor anónimo, que serve para demonstrar à maravilha que a interpretação visual de trechos musicais requere muito talento e competência, pelo que, na falta dêsses predicados, é mil vezes preferível apresentar apenas a orquestra durante a execução das composições, como já tantas vezes se tem feito. — D. M.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «Animatógrafo» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«SANGUE TOUREIRO» (Sonoro Filme)

— A faena de SOLORZANO (Ponciano Diaz) na Praça del Toreo da Cidade do México.
— A festa castiça na Hacienda Atenco.
— As interpretações dos cómicos CHATO ORTIN e CHAFLAN BORRACHIN e de MERCEDES AZCARATE.

COIMBRA fotogénica

(Continuação da pág. 4)

A Rainha Santa é a grande devoção, a grande exaltação mística de Coimbra.

Padroeira da cidade, está ali em Santa Clara, no seu túmulo de prata, em frente à cidade querida, que pode parecer que vem ajoelhando em estática adoração.

A sua imagem, que a representa no Milagre das Rosas, milagre de Poesia e doce caridade, está ali no seu altar, e está em tôdas as casas e em todos os corações.

Até na sua fé Coimbra se encontra com a Poesia, a poesia dêsse milagre e da Santa que o revelou, Poesia eterna, Poesia que não morre... enquanto houver Coimbra.

ACÁCIO LEITÃO

Panorâmica

(Conclusão da pág. 5)

Deve-se a êle a montagem de filmes célebres como por exemplo *Napoleão, J'accuse* e *Louise*, de Abel Grance; *Les Trois Mousquetaires*, de Diamant Berger; *Pensions Mimosas*, de Jacques Feyder; *Sob os Telhados de Paris*, de René Clair; *Matou*, de Fritz Lang — ao todo 43 produções de grande metragem.

Últimamente encontrava-se em Espanha onde colaborou nalguns dos melhores filmes produzidos no País vizinho.

Edwin S. Porter †

De Hollywood, chega-nos a notícia do falecimento de Edwin S. Porter, que há mais de dois anos se encontrava doente.

Porter foi um dos primeiros produtores cinematográficos. Trabalhou com Edison na construção da câmara de filmar com que impressionou a película «A vida de um bombeiro». Criou o ciclo das películas de entrecho com a produção «O roubo no Grande Expresso». Mais tarde, dirigiu a primeira versão de «O Prisioneiro de Zenda». Com Jesse Lasky e Adolph Zukor, fundou a «Famous Players Lasky Corporation», que devia dar origem à Paramount.

Jean-Pierre Aumont

Dissemos aos nossos leitores, no último número, estar em Lisboa o actor Jean-Pierre Aumont, protagonista de «Hotel do Norte». Logo um redactor de «Animatógrafo» se deslocou para entrevistar o conhecido «astro» mas... êste abalara repentinamente para a América, após uma breve e despretenciosa conversa com o distribuidor duma firma americana.

Jean-Pierre Aumont não quis publicidade, evitou encontros e indiscreções. Aí está porque, apesar de tôda a nossa boa vontade, não podemos, neste número, referir opiniões do simpático e jovem actor...

Uma boa notícia

Portugal vai ver, na próxima época, os mais recentes filmes de Warner Brothers. A Sociedade Importadora de Filmes, que detém o exclusivo da produção daquela importante firma americana, adquiriu os direitos sôbre três épocas sucessivas, que englobam tôdas as películas que se encontram prontas, até à data.

Dêste modo, teremos em Lisboa, os mais recentes filmes da Warner Brothers, entre os quais *Meet John Doe*, o novo filme de Frank Capra, que vem já a caminho de Portugal.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

967 — PRINCESA DO PATIM *(Lisboa)*. — Ignoro o «regulamento» que preside a essa troca de selos por fotos de artistas de cinema. O único conselho que te posso dar é êste: formula directamente as preguntas que te interessam. Podes escrever-lhes em português.

968 — AMOR DE ESTUDANTE *(Penafiel)*. — A criação de Shildkrant em *Zola* era, de facto, magnífica. — Como tu, aprecio muito o John Carradine. Além dos filmes que referes, êle teve magníficos desempenhos na *Cavalgada Heróica*, *Lôbos do Mar*, *Expiação sem crime*, etc. — Basil Rathbone é, fora de dúvida, um dos melhores actores do cinema. O seu desempenho *Em face do Destino* (o último filme dêle, que vimos) era notável, a todos os títulos.

969—FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)*. — Transmiti oportunamente a tua carta. Graça Maria está agora a responder a todos os pedidos de fotos que tem recebido. Dentro de breves dias, por certo, chegará a tua vez.

970 — A DEUSA DE SARONG *(Lisboa)*. — Tenho o maior prazer em te receber como minha consulente, tanto mais que me me dizes ser fisicamente parecida com a «Dothy» Lamour, estrêla da minha simpatia e dos meus encantos. — Vou ver se poderei obter a letra da canção que te interessa.

971 REI DO FLIRT *(Pôrto)*. — Fazes bem em desistir de conhecer a minha verdadeira identidade. *Bel-Tenebroso* é um ser absolutamente invisível, impalpável, etéreo, imponderável e ininflamável... — Lew Ayres foi o segundo marido da Ginger Rogers. Pela minha parte, não me importava nada de ser o terceiro... — É difícil dizer-te qual é a melhor interpretação da Crawford, tão iguais e tão notáveis são sempre as suas criações. No entanto, gostei muito de vê-la em *Fugitivos da Guiana* e nas *Teorias de Suzana*, para te citar apenas os dois últimos filmes dela, que vimos. — Charles Boyer teve em *Maria Walewska* um dos seus mais discutidos desempenhos. Há quem considere o «seu» Napoleão, como o papel mais difícil e mais «réussi» que lhe coube interpretar.

972 — LOO-HYA *(Lisboa)*. — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pela Betty Grable. Conta com a minha solidariedade cardíaca, sob êsse aspecto. Espero que me escrevas mais vezes, quanto mais não seja, para desabafares...

973 — ANTINEA — Esta simpática leitora teria muito prazer, segundo me diz, em trocar correspondência com *Primavera* e fica aguardando a primeira carta dela. — Em *Os Loucos Divertem-se*, Norma Shearer tinha um desempenho magnífico. Pela natureza especial da personagem (a falsa titular, cabotina, afectada e mentirosa) a sua interpretação parecia convencional, pretenciosa e teatral. Daí, possivelmente, a impressão que essa tua amiga recolheu. — *A Rosa de Broadway* era uma comédia musical bem feita, e nada mais. — A Carole Lombard e a Marlene são duas artistas perfeitamente distintas, no físico e na sua maneira de ser, mas, por vezes, nas fotos, há analogias flagrantes.

974 — I LOVE DEANNA DURBIN *(Lisboa)*. — Registei a «paixão» que o teu pseudónimo traduz e a «admiração» que ficaste nutrindo pela Dorothy Lamour, quando pela primeira vez a viste em *Tufão*.

975 — ZÉ FERNANDES *(Serra da Estrêla)*. — Ainda na serra, *Zé Fernandes* amigo? Deves estar transformado num autêntico sorvete. — Noto, com espanto, que vais percebendo qualquer coisa de cinema. Pedes então uma «limpesa» às máquinas do Tivoli?! Aquilo, não vai com benzina, mas com «alta intensidade». Enquanto a projecção fôr feita com luz amarela (e não com luz branca) as côres sairão mais adulteradas do que o azeite extra-fino que se vende em Lisboa. — Transmito ao «Inácio da Purificação» as tuas saudações e admiração que te merece a actividade cinéfila que êle desenvolve.

976 — DONALDA. — Temos que conversar, com respeito à carta escrita *a duo*. Não calculas a surprêsa que tive e como gostei de a ler. Sabes que mais?! Invejo-te! E, por hoje, não te digo mais nada...

977 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — Muito curiosa a história que me contas com respeito a êsse filme que viste lá no Minho: um grande «iceberg», impávido e sereno a deslisar sôbre as águas geladas; o navio a apitar, a apitar com desespêro — e tu sem poderes desfazer, a tiro, o «iceberg» gelado. Um autêtico pesadêlo, Benjamina. Ainda bem que não intervieste. Às vezes, sob os píncaros gélidos, duma montanha, que parece inacessível, há vulcões que um tiro de espingarda faria explodir... O que dirão os leitores que me lêem, a esta dissertação, que só p de entender quem tivesse lido o drama do filme que viste no Cinema do Minho?!... — Tomo nota de que vais para a Serra. Só eu não tenho férias. Já ameacei o nosso Director de que ia recorrer para o I. N. T.... — E de filmes não te falo hoje porque até o cinema está a descansar.

978 — LADY MAR *(Lourenço Marques)*. — As tuas palavras tão simpáticas e vindas de tão longe, das mais distantes terras do Império, foram para nós um magnífico incentivo. Obrigado, pois. Fica certa de que dispensarei às tuas cartas a atenção que lhes é devida. — Escolhi o primeiro pseudónimo porque me pareceu o mais bonito.

979 — UMA NOVA PAVLOVA *(Lourenço Marques)*. — Já sabia que Lourenço Marques é uma terra verdadeiramente cinéfila. E felicito-vos por que vão vendo primeiro do que nós os grandes filmes. — *Pinocchio* é um belo filme. Dum modo geral, todos preferem *Branca de Neve*. Mas a técnica de *Pinocchio* é muito superior à do primeiro grande filme do Disney. — Tereza Casal, possô garantir, enviar-te-á, com o maior prazer, uma foto se a solicitares. Podes escrever-lhe por intermédio da nossa revista. — Esta leitora gostava muito de corresponder-se com rapazes e raparigas da Metrópole. A direcção desta nossa compatriota é a seguinte: «M. L. Soeiro, Caixa Postal 998, Lourenço Marques, Moçambique, África Oriental Portuguesa» — Noto que o teu pseudónimo não é descabido, uma vez que me dizes que danças como uma sílfide.

980 — CORAÇÃO SEM RUMO *(Lobito, Angola)*. — Transmiti oportunamente as cartas que me enviaste para as três leitoras madeirenses. — Aqui deixo assinalado o desejo que manifestas de te corresponderes com leitores e leitoras desta secção. Se te quiserem escrever primeiro poderão fazê-lo endereçando a correspondência para «José da Cruz Almeida, Caixa Postal, 16, Lobito, Angola». — Leitão de Barros, pelo menos agora, não pensa realizar *O Amor de Perdição*.

981 — MAFASSAQUIRI PIRIFIRI *(Lourenço Marques)*. — Ao contrário do que supões estas cartas que andam meses e meses pelo Oceano (e agora, na verdade, levam meses e meses a chegar ao seu destino) dão-me sempre o maior prazer e alegria. — Fico ciente de que a vossa cidade possui quatro cinemas, a saber «Gil Vicente», «Scala», «Varietá» e o «Cine-Variedades», o último dos quais deixou de funcionar. Não posso deixar de vos felicitar por estarem vendo certos filmes com mais actualidade do que a Metrópole. *E tudo o vento levou...* (Gone with the wind), *O Rei da Alegria* (Strike up the band), *Camarada X*, etc., ainda não foram exibidos em Lisboa. — Este leitor deseja cartear-se com *Maria Gil*, *Uma Gaiata Cinéfila*, *Uma Africana que adora os lisboetas*, *Grande Amorosa*, *Ninette*, *Marília*, *Eterna Garota*, *Maria Madalena* e *Maria do Rosário*. Se alguma delas lhe quiser escrever directamente poderá fazêlo para Manuel de Almeida Costa Jardim, R. Andrade Côrvo, 149, Lourenço Marques.

982 — I LOVE DEANNA DURBIN *(Luanda, Angola)*. — Em primeiro lugar devo dizer-te que o pseudónimo que encabeça estas linhas já estava registado na minha secção. Terás pois que arranjar outro. — Os consulentes africanos gozam de prerrogativas especiais. Com efeito, não era justo que os confinassemos às três preguntas da praxe. — *Animatógrafo* vai tratar dos assuntos que interessam aos cinéfilos de Luanda.

983 — UM APAIXONADO DE GINGER ROGERS *(Horta)*. — Gostei muito de ler a tua carta e de saber o entusiasmo com que acolhes aí a nossa revista. Procuraremos torná-la cada vez melhor — cada vez mais agradável. — Transmiti a tua carta para Tereza Casal e bem assim, a quem de direito, as indicações que enviaste para a tua inscrição no «Clube do Animatógrafo». — Éste leitor gostaria de se cartear com *Doida por Música*, *Princesa da Selva*, *Uma Loira Madeirense*, *Uma Garota sem Importância* e *Benjamina*.

Bel-Tenebroso



Bonita Granville

Bonita Granville pode vir tomar banho às praias de Portugal. E dizemos isto, porque o trajo que enverga está absolutamente de acôrdo com as normas de decôro e bom gôsto, que regem agora a indumentária feminina nas areias doiradas da ocidental praia lusitana.

Aquelas que bramam contra a saia rodada, os decotes convenientes e as cavas sem exagêro — encontrarão nesta foto motivo de sobra para se convencerem da sem razão dos seus protestos. Na América, pátria das piscinas e dos fatos de banho que as elegantes têm usado, os trajos não ofendem afinal as nossas posturas municipais, são dignos, graciosos, decentes e austeros.

Gonita Granville, a noiva de Jackie Cooper, aparece nesta foto como um exemplo de inteligente feminilidade. A mulher não necessita de se despir mais, para se revelar em tôda a sua graça e beleza. Ao vê-la com o fato de banho «autorizado» não podemos deixar de exclamar:

— Que Bonita, ela é!

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



GEORGE RAFT acaba de alcançar assinalado triunfo em «MAN HUNTER», ao lado de MARLÈNE DIETRICH

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: JANET GAYNOR